

I

A EDUCAÇÃO NACIONAL

O nosso systema geral de instrucção publica, não merece de modo algum o nome de educação nacional. É em todos os ramos — primario, secundario e superior — apenas um acervo de materias, amontoadas, ao menos nos dous primeiros, sem nexo ou logica, e estranho completamente a qualquer concepção elevada da patria.

Póde ser um meio — bom ou máo, não é nosso proposito discutir-lhe o valor — de méra instrucção, mas não é de modo algum um meio de educação, e sobre tudo de educação civica e patriotica. Ora, toda a instrucção cujo fim não

fôr a educação e, primando tudo, a educação nacional, perde por esse simples facto toda a effi-
cacia para o progresso, para a civilisação e para
a grandeza de um povo.

Nada absolutamente distingue a instrucção publica brasileira da instrucção publica que se poderia dar em outro paiz, e na escola brasileira o Brazil, quasi pôde-se dizer parodiando um dito celebre — brilha pela ausencia. Amontoar materias, não ligadas entre si por nenhuma idéa moral superior, e ensinal-as bem ou mal, não é educar ou, segundo o conceito de Spencer ¹ preparar o homem para a vida completa, como membro da familia, da patria e da humanidade.

Depois de expor o plano da instrucção em uma democracia, Paulo Bert observava: « Nada d'isto tudo é a educação, sinão a materia da educação, e não a educação propriamente dita. O que é agora necessario é que a vida circule no meio de todos estes conhecimentos e que os anime. Sem ella todo este conjuncto de factos

¹ *L'Éducation intellectuelle, morale et physique*, Biblioth. utile, pag. 7.

que carregaram a memoria e sobreexcitaram a intelligencia, poderão formar um negociante sa-gaz, um habil industrial, talvez um sabio ou um poeta, mas não um homem ou um cidadão. Ora a vida, quem pode dal-a é o ensino civico e moral.»¹

Esta mesma fundamental differença entre a mera instrucção e a educação fazia-a sentir a respeito do Brazil, o Sr. Ramalho Ortigão n'um artigo em que com singular maestria debuxou o *Quadro Social da Revolução Brasileira*:

«Uma casa provida de bons livros, escreve elle, de bons laboratorios, com bons programmas de ensino, bons mestres, bom ar, boa mobilia e boa luz, é, quando muito uma fabrica de sciencia.

«Para que se transforme n'um instituto de educação é preciso que n'elle se imponha á mocidade, por meio da mais rigorosa disciplina o sentimento da solidariedade social, o espirito de esforço e de sacrificio na subordinação ao dever, a regularidade, a exactidão, a firmeza do porte,

¹ *Leçons et Discours*, Paris, pag. 408.

de accordo com a firmeza do character, em todos os actos da vida. Só assim se formam cidadãos, o que é uma coisa differente de formar bachareis.»¹

É esta a causa do grande mal, da profunda diathese que nos mina e arruina — não termos, não havermos jamais pensado em ter educação nacional.

Nas nossas escolas a geographia é uma nomenclatura de nomes europeus principalmente; a geographia patria, quasi impossivel de estudar pela ausencia completa dos elementos indispensaveis, resume-se a uma arida denominação tambem; a historia patria em geral existe apenas nos programmas, e quando excecionalmente ensinada cifra-se na decoraçãoinintelligente de pessimos compendios tão feitos para despertar os sentimentos patrioticos como si se tratasse da historia do Congo; a cultura civica não existe de modo nenhum, assim como a cultura moral; o livro de leitura, por sua vez, o livro de leitura que é acaso a mola real do ensino, guarda a

¹ *Revista de Portugal*, tom. 11, pag. 22.

mesma indiferença patriótica, e as suas paginas são paginas brancas para a geographia e a historia da patria.

São os escriptores estrangeiros que traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade.

Seja-me permittida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portuguezes e absolutamente alheios ao Brazil os primeiros livros que li. O *Manual Encyclopedico* de Monteverde, a *Vida de D. João Castro* de Jacintho Freire (!) os *Luziadas* de Camões, e mais tarde, no Collegio de Pedro II, o primeiro estabelecimento de instrucção secundaria no paiz, as selectas portuguezas de Aulete, os *Ornamentos da Memoria* de Roquette — foram os livros em que recebi a primeira instrucção. E assim foi sem duvida para toda a minha geração.

Acanhadíssimas são as melhorias d'esse triste estado de cousas, e ainda hoje a maioria dos livros de leitura si não são estrangeiros pela origem, são-no pelo espirito. Os nossos livros de excerptos é aos autores portuguezes que os vão buscar, e a autores cuja classica e hoje quasi

absoluta linguagem o nosso mal amanhã preparatorio de portuguez mal percebe. São os Fr. Luiz de Souza, os Lucena, os Bernardes, os Fernão Mendes e toda a Arcadia portugueza que lêmos nas nossas classes da lingua, que aliás começa a tomar nos programmas o nome de lingua nacional. Pois si pretende-se, ao meu ver erradamente, começar o estudo da lingua pelos classicos, autores brasileiros, tratando coisas brasileiras, não poderiam fornecer relevantes passagens? E Santa Rita Durão, e Caldas, e Basilio da Gama e os poetas da gloriosa escola mineira, e entre os modernos João Lisboa, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Machado de Assis e Franklin Tavora, e ainda outros, não têm paginas que sem serem classicas resistiriam á critica do mais metuculoso purista?

N'este levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessarias reformas é a do livro de leitura. Cumpre que elle seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assumptos, pelo espirito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime.

Que si elle nos der *lições de coisas*, não nos venha ensinar industrias, occupações e usos que nos são completamente alheios, postergando as manifestações, embora humildes por ora, da nossa pequena actividade industrial. Que em vez de exclusivamente nos ensinarem o que é e como se faz a lã ou o vidro, ou uma casa por processos inteiramente europeus; como nos devemos aquecer, nós que não temos d'isso necessidade, e quaes são os usos e empregos de madeiras e outros materiaes que não possuímos, ¹ nos mostrem o que é, onde e como se cultiva a borraça, quaes os seus empregos e qual a hygiene professional do seringueiro; que nos inculquem as noções mais claras, mais exactas e mais novas sobre a cultura do café, do cacáo, da cana ou do algodão, sobre as industrias pecuarias ou as industrias caseiras; como nós poderíamos fazer o queijo e a manteiga ou como se constroe e, principalmente, como se deve construir a casa bra-

¹ Esta critica cabe a quasi todos os livros de *lições de coisas* feitos ou traduzidos no Brazil, com excepção da notabilissima traducção e adaptação do livro de Calkins pelo Sr. Ruy Barbosa, o qual allás apenas seria prestavel nas classes elementares.

zileira para que ella satisfaça plenamente as exigencias da hygiene, do conforto e das necessidades especiaes do nosso clima.

Que o livro de leitura com paginas de nossos poetas e prosadores, e paginas sobre assumptos brasileiros, nos traslade, originaes ou traduzidas, narrativas dos grandes viajantes que percorreram o nosso paiz, como Martius, como Agassiz, como Couto de Magalhães, como Saint-Hilaire, como Severiano da Fonseca, ou dos que fizeram a nossa historia, os Rocha Pitta, os Southey, os Porto Seguro, os João Lisboa. Os mesmos velhos chronistas, os Vicente de Salvador como os Anchieta e os Nobrega, os Jaboatão, os Vasconcellos ou os José de Moraes, com um pequeno trabalho de lhes modernisar a linguagem, quantas paginas tão perfumadas do sabor da patria antiga que não davam, juntamente com o ensino dos primordios da nossa vida!

Não basta, porém, conhecer a patria no seu solo, nos seus accidentes naturaes, na sua natureza, no seu clima, nas suas producções, na sua actividade e na sua riqueza; não é sufficiente saber-lhe as origens, como se povouou e se desenvolveu, qual o seu contingente á civilisação ou

os seus elementos de progresso, as luctas que teve de sustentar, os triumphos que obteve ou os revezes que soffreu: é necessario mais, é indispensavel em, um paiz livre sobretudo, em uma republica principalmente, conhecer as suas instituições, em si e nas suas origens, saber-lhe as leis com as obrigações que impõem e os deveres que garantem, estudar as leis geraes de moral, de economia e de politica que presidem ás sociedades e estabelecem e dirigem as relações entre os seus membros; aprender a solidariedade nacional na solidariedade escolar, e a noção do dever civico, do dever humanitario e do dever em geral, no dever e na disciplina da escola. O conhecimento d'estes diversos aspectos da patria, não já como *região*, não já como *nação*, sinão como *estado*, como uma sociedade cujos fins, conforme os de todo estado, são o desenvolvimento das faculdades da nação, o aperfeiçoamento da sua vida, ¹ constitue a educação civica.

Bem comprehendida, a educação civica deve

¹ Bluntschli, *Theorie générale de l'État*, trad. Riedmatten, Paris, 1881, pag. 286.

ser a generalisação de toda a instrucção dada na escola para fazel-a servir ao seu fim verdadeiro, que é a educação nacional.

Essa face da educação escapou até hoje á organização do nosso ensino escolar, do qual devera ser como a cupula e remate. E assim o edificio da nossa educação publica ficou sem alicerces — o estudo do paiz — e sem acabamento — a cultura civica.

Reclamando-a para o paiz, em 1882, dizia brilhantemente o Sr. Ruy Barbosa no copioso relatorio com que justificou o projecto de reforma do ensino a commissão cujo era relator: «Obrigatoria hoje na escola americana, na franceza, na suissa, na belga, na allemã, na italiana, em toda a parte, digamos assim, esta especie de cultura não carece de que a justifiquemos aqui. Tereis instituido realmente a educação popular, si a escola não derramar no seio do povo a substancia das tradições nacionaes? si não communicar ao individuo os principios da organização social que o envolve? si não imprimir no futuro cidadão idéa exacta dos elementos que concorrem na vida organica do municipio, da provincia, do Estado? si não lhe influir o sentimento

do seu valor e da sua responsabilidade como parcella integrante da entidade nacional?»¹

É isto que nós não temos e que faz da nossa organização da instrucção publica uma especie de conjuncto amorpho, perfeitamente inutil como factor da civilisação nacional a qual fica assim entregue sómente á acção inconsciente das forças progressivas, dynamicas diria melhor, que as sociedades encerram.

Uma educação para ser nacional precisa que a inspire o sentimento da patria, e que a dirija um fim patriotico. «A idéa que fazem nos Estados-Unidos da instrucção publica, diz Hippeau, é conforme os principios democraticos aos quaes subordina-se tudo no paiz verdadeiramente mais livre da terra: ella tem por fim formar cidadãos.»² E Paroz, reconhecido por juiz competentissimo³ como «um dos escriptores de mais

¹ *Camara dos Deputados.—Reforma do ensino primario e varias instituições complementares da instrucção publica.—Parecer e Projecto*, Rio de Janeiro, 1883, pag. 217.

² Hippeau, *L'Instruction publique aux États-Unis*, Paris, 1878, pag. 3.

³ Ruy Barbosa, *Primeiras Lições de Coisas* por Calkins. Preambulo do traductor, pag. VII.

justa reputação em materia de ensino » fazendo sentir que «é a escola a pedra angular da grande republica,» e expondo os principios que a inspiram e dirigem deixa manifesto que «o conjuncto d'esses principios tem por fim, mantendo a unidade da escola. conservar-lhe um character nacional e democratico, e formar esse espirito publico que caracteriza o cidadão americano.»¹

Esse espirito que anima e vivifica a instrução e dá-lhe um character nacional, e o qual embalde procuramos na escola primaria, escusado é buscal-o alhures, na secundaria ou na superior.

Entretanto si é na escola, como o centro real da verdadeira educação popular, onde mais deve avultar e revelar-se, em nenhum dos ramos do ensino é superfluo, como não é em qualquer manifestação artistica, litteraria, e até scientifica e industrial de um povo que tem alguma originalidade e sentimento nacional.

Não ha quem ignore a acção poderosissima do ensino superior na obra da unidade allemã.

¹ Jules Paroz, *Histoire universelle de la Pédagogie*, Paris, 1883, pag. 364.

«Foi nas universidades e não alhures, escreve juiz auctorisadissimo, que gerou-se e desenvolveu-se a idéa da unidade allemã; foram as universidades que resuscitando um passado esquecido despertaram com o sentimento patriótico, o ardor bellicoso dos antigos germanos, e ataçaram com uma perseverança sem exemplo o odio contra a França; foi nas universidades que se formaram os homens que dirigiram ou secundaram esse grande movimento nacional, cujos terriveis effeitos experimentamos.»¹

A acção nulla da instrucção publica do Brazil na formação do sentimento nacional, não foi supprida ao menos por outros elementos que indirectamente o despertassem e desenvolvessem. A litteratura — causa e effeito do espirito de um povo, mas no periodo inicial antes effeito que causa — a litteratura, como aliás tem sido assás notado, não procurou nem inspirar-se no espirito popular, nem dirigil-o. O povo tambem, por sua vez, conservou-se-lhe estranho.

Quasi se pudera dizer negativa a acção da

¹ Dreyfus Brisac, *L'Éducation Nouvelle*, Paris, 1882, pag. 219.

litteratura brasileira como agente da educação nacional, que ella transviou, ou pela servil imitação classico-portugueza, ou pela errada comprehensão do romantismo e presentemente do naturalismo, ou pela inintelligente imitação estrangeira, franceza sobre tudo.

Não existindo entre nós arte, faltou-nos tambem esse elemento de educação nacional, a qual não achou igualmente recurso em certos meios mais indirectos ainda, mas não menos uteis e efficazes, como os museus, as collecções historicas, os monumentos e a celebração das épocas e datas gloriosas ou simplesmente felizes da nossa historia.

Indicada e estabelecida a inteira deficiência da nossa educação publica, ficam por isso mesmo assentados quaes são os elementos indispensaveis para dar-lhe o character nacional que lhe fallece e que os interesses da patria brasileira estão instantemente exigindo.

Além da parte d'esta tarefa que propriamente pertence á escola ou antes á instrucção publica em geral, porção consideravel d'ella incumbe a nós todos.

O Governo decretou os dias de festa nacio-

nal. Não os deixemos cair logo em desuso, como na monarchia. Que não sejam apenas um dia feriado, mas dias de festa, e que todos os annos, constantemente, os jornaes, os oradores populares, os mestres recordem e rememorem ao povo os factos que tornaram taes dias benemeritos da nossa consagração.

Um escriptor francez que nos intuitos mais nobremente patrioticos peregrinou pela Allemanha, o já citado padre Didon, diz que entre os meios de educação patriotica devem contar-se ali as festas nacionaes. E assim as descreve: «Enchem estas festas de regosijo a população inteira. Não lhes soa nenhuma voz, nem um grito discordante. As que testemunhei, algumas vezes testemunha contristada, respiram um ardente amor da patria. Tenho ainda de memoria o anniversario de Sedan em Augsburgo: as bandeiras palpitando em todas as janellas, o povo endomingueirado, musica e concertos por toda a parte; na praça da matriz, o monumento funebre elevado aos soldados mortos durante a guerra de 1870, sumia-se debaixo das coróas, dos ramos de loureiro e das sempre-vivas.» «Assim conserva-se, pondera o patriota francez, e cresce o

patriotismo allemão, abrangendo todas as cousas, animando todas as instituições, enlaçando na unidade todos os filhos da raça germanica.»¹

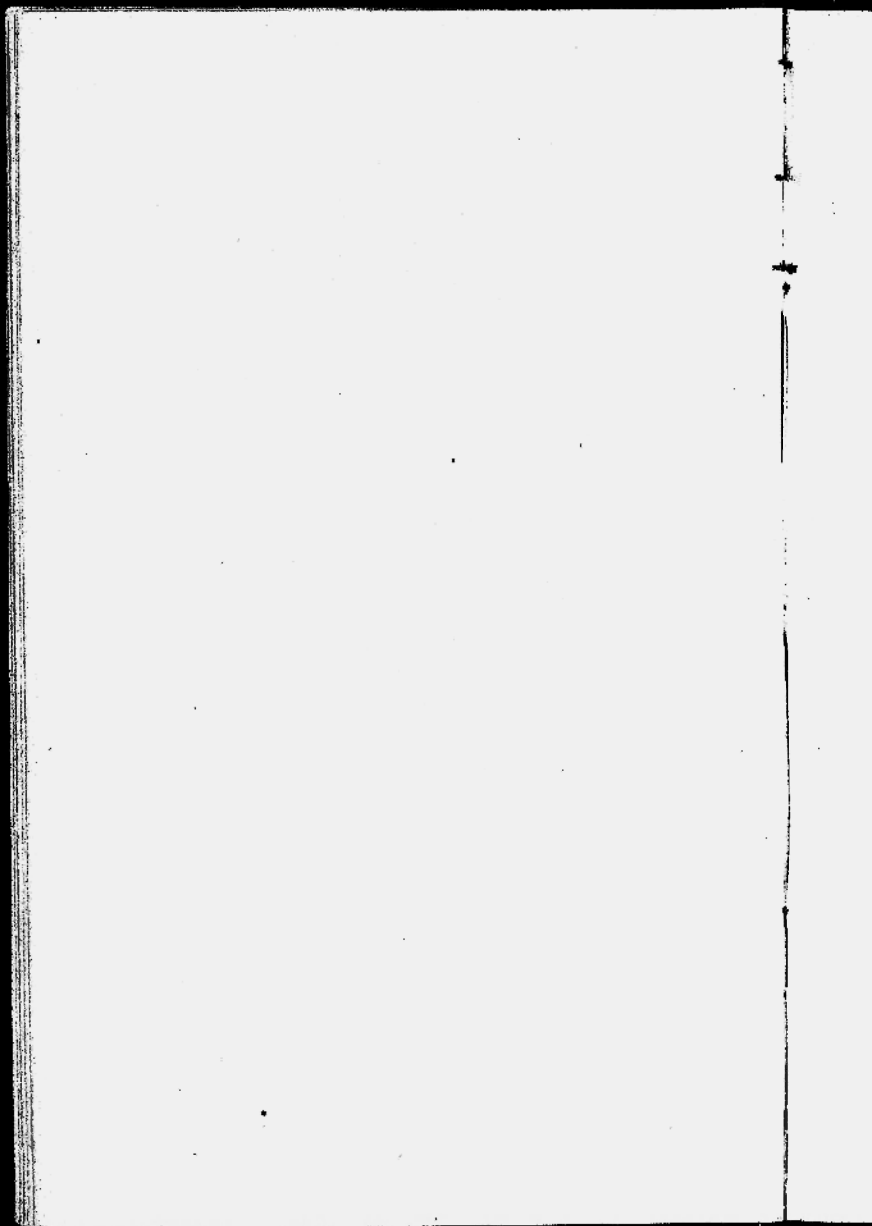
Não ha talvez povo civilisado, a excepção do nosso, onde os dias da patria não sejam verdadeiramente dias de regosijo publico, de festas nacionaes não só nos calendarios, mas na rua e no coração de todos os cidadãos.

Nos Estados-Unidos — exemplo que é preciso citar, pois são, como nós, um povo de hontem — é immenso e sempre entusiasticamente manifestado o amor das suas tradições, o apreço pelas cousas patrias. O 4 de Julho é ali solemne e universalmente festejado. Ao seu Washington (é certo que são rarissimos os Washington) elevaram um dos mais altos monumentos do mundo, e de sua casa fizeram uma memoria e um museu civico. Os seus homens notaveis são-lhes objecto de culto patriotico, e, com o caracteristico desvanecimento anglo-saxonio, por vezes augmentam e exageram-lhes os merecimentos, o que revê ainda o sentimento nacional.

¹ *Obra citada*, pag. 303.

Não descuremos mais nós também o que é nosso; suscitemos e sustentemos a educação patriótica d'onde sairá o sentimento nacional e com elle o amor e o orgulho da nossa patria, indispensaveis para a fazermos grande, poderosa e invejavel.







II

AS CARACTERISTICAS BRAZILEIRAS

CUMPRE-NOS ter a coragem de affrontar com a nossa situação e de dizer lealmente e completamente a verdade. *Ubi veritas, ibi patria*, ensinou o philosopho. É necessario, pois, esteja a verdade na patria, para que a amemos como deve ser amada — em toda a altivez do nosso amor.

Não é absolutamente exacto o cansado simile da patria e da mãe. Máo filho fôra o que saísse á praça com os vicios e defeitos d'aquella que lhe deu o ser. Essa, quando por angustiosa infelicidade elle não possa mais estimar, tem ainda a obrigação de venerar mesmo erradia,

calando no fundo da sua alma e occultando com ciumento cuidado os seus descaminhos. Tal é o dever infallivel do bom filho.

Mão patriota, desleal cidadão fôra, porém, aquelle que sob não sei que falso pejo entendesse menos amar a patria dissimulando-lhe vicios e defeitos, cuja emenda está exigindo divulgados e conhecidos.

Não, a patria quer-se amada ainda com as suas maculas, ou, e direi melhor, com os senões e defeitos de seus filhos e de suas instituições, sob a explicita condição, porém, de que em prol de suas melhorias havemos de empregar todo o nosso amor e com elle todo o nosso esforço. Sei que no Brazil temos acaso abusado d'este amor desligado de falsas conveniencias patrioticas — com tanto mais merecimento á censura que os esforços empenhados na extincção dos vicios accusados, não têm sido em relação nem com o numero, nem com a vehemencia das accusações.

Argúe desamor da patria este zelo de critica não seguido de mais forte e positiva vontade de regeneral-a, regenerando-nos nós em primeiro lugar. As virtudes e vicios de um paiz não são

sinão as virtudes e vicios de seus naturaes. Reconhecel-os no paiz é inculcal-os nos seus filhos.

A patria essa, na sua figura ideal e amada, paira acima dos nossos erros e das nossas paixoes — atacar os vicios dos que a constituem ainda é estremecel-a no filial desejo de a ver não só objecto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho.

D'esse singular costume que nos põe a publicar-lhe os defeitos, em vez de melhoral-a melhorando-nos a nós mesmos, dirá este livro as causas, e dizendo-as procurará incitar-nos a todos nós brasileiros e principalmente áquelles que tomaram a si a empreza formidavel da nossa administração, a corajosamente removel-as.

Não basta estar, como até agora havemos feito a por a nu, qual o sacrilego filho de Noé, ao que parece apenas pelo prazer do escarneo, as vergonhas do paiz; cumpre mais que tudo remedial-as, e abandonando as declamações tão de nosso gosto, pormo-nos franca e singellamente a servil-a, com a consciencia de um dever individual religiosa, humilde, mas devotada e correctamente cumprido.

O brasileiro, radicalmente politico, no peor

sentido d'esta palavra, teve o seu julgamento, e com elle o seu character pervertido, pela educação que lhe deram os partidos a que infallivelmente pertencia e a cuja indole — pois doutrinas e comportamento nunca tiveram distinctos — subordinava todos os pensamentos e acções da sua vida social. Esta educação partidaria foi a unica especie de educação civica que tivemos.

Desde a Independencia e consequente genese dos partidos politicos não conheceu a sociedade brasileira outra vida que não a vida politica. Nunca tivemos vida commercial porque o commercio esteve sempre e está ainda hoje em mãos estrangeiras; nunca tivemos vida industrial porque não temos industria; nunca tivemos sequer vida agricola porque a agricultura eram os escravos que a faziam; nunca tivemos vida militar porque nem o exigiram as circumstancias especiaes do paiz, nem o consentio a profunda aversão do nosso povo pelo militarismo, e, finalmente nunca tivemos vida intellectual porque nunca tivemos movimento scientifico, movimento litterario ou movimento artistico, e esses a um tempo factores e resultantes da civilisação, a Sciencia, a Arte, a Litteratura foram apenas apanagio de

uma limitada minoria antes afastada que intrometida no movimento geral da nação, e jamais influenciaram a massa popular.

Balda assim de estímulos de actividade e energia, determinados em qualquer sentido pela Industria, pela Sciencia ou pela Arte, mas em definitiva em proveito da patria, a sociedade brasileira limitou a sua exclusiva actividade á politica ou, e preferivel é a expressão, ao partidatismo.

Não é no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e artificial, que devemos estudar o Brazil, mas na provincia, no interior. É esse que é o Brazil, ou sejam quatorze milhões de habitantes contra os 500 mil da capital.

Nada mais miseravel, mais triste, mais sem attractivos a não serem os da natureza, do que as povoações do nosso interior, condecoradas algumas, verdadeiras aldéas, com o pomposo titulo de cidades. Para todos os effeitos da vida dir-se-iam cidades mortas. Ha porém em todas ellas, ainda na mais humilde aldéa dos sertões do Pará ou de Pernambuco, da Bahia ou de S. Paulo, do Paraná ou de Matto Grosso, dous partidos, dous chefes, alguns cabos eleitoraes, os

adeptos indispensaveis e, ao menos em vespervas de eleição, uma vida relativa. Não acharieis ali algum genero indispensavel á vossa vida de perfeito civilisado, mas infallivelmente, mathematicamente encontrarieis o liberal e o conservador, inimigos politicos e particulares decididos e irreconciliaveis. Nenhum d'elles saberia por que era antes liberal que conservador e vice-versa, nem mesmo sobre os negocios locaes dar-vos uma opinião, sinão justa e sensata, ao menos propria e chã, não inspirada pelo seu partido e n'elle corrente; ambos, porém, lá teriam os seus preconceitos, as suas idéas feitas, os seus juizos asentados, as suas paixões ás vezes violentissimas, o seu fanatismo partidario, e, caracteristica dominante, a ingenua crença na innerrancia do seu partido, com a fé profunda na indefectivel fallibilidade do outro.

Pois bem, desde esta aldêa perdida lá na margem de um recondito affluente do Paraguay ou do Paraná, do S. Francisco ou do Amazonas, ou debruçada n'alguma pittoresca encosta dos Cariris, da Borborema, ou da Mantiqueira, até as capitaes mais adiantadas, a intuição politica é a mesma, absolutamente a mesma.

Imagine-se d'ahi a viciação dos juízos e finalmente do character que se não exercendo em nenhuma outra especie de lucta sinão na chicana, na intriga, no mexerico politico — e fazendo da politica não um meio mas um fim — primeiro amollece, depois dilue-se, esvae-se, some-se, quando se não perverte e estraga.

È este o grande mal que corroe o corpo social brasileiro e envergonha a patria, verdade que precisamos dizer e aceitar si nos queremos sinceramente corrigir: não é principalmente a actividade physica, é antes a energia moral que nos falta e que torna negativas as boas qualidades que temos.

Somos, por exemplo um povo honesto. Simples, sincero, modesto de gostos e de maneiras, desambicioso, conversavel, indolente e generoso, o brasileiro conserva-se em geral estranho ás desmarcadas ambições que vemos em outros povos, como a certos vícios que as qualidades contrarias entre elles desenvolvem. Os nossos estadistas, nada obstante as calumniosas accusações que os partidos contrarios systematicamente faziam sem outro intuito que ataca-os para irem por sua vez ser por elles injuriados, os nossos

estadistas, cujo modestissimo trem de casa podia competir com o dos fundadores da republica americana, deixaram sempre o poder as mais das vezes mais pobres do que para lá foram. Quando foi pelo Governo provisorio da Republica dissolvido o Senado, uma folha do Rio de Janeiro deu algumas informações sobre os recursos que tinham ou os meios de vida que iam tentar alguns d'esses homens envelhecidos no manejo dos negocios publicos, homens que foram deputados, que foram senadores, que foram ministros, e que agora para viver tinham de recommençar uma profissão ou limitar-se a escassos meios. O Visconde do Rio Branco, ministro plenipotenciario, ministro da fazenda, presidente do Conselho de ministros, deputado, senador, conselheiro de estado, morreu menos que pobre, sendo a sua familia immediatamente obrigada a vender-lhe os modestos moveis e a livraria, e seus amigos a fazer uma subscrição para ajudal-a a manter-se. O Visconde de Itaboraahy, o Conselheiro Francisco José Furtado, o Conselheiro Buarque de Macedo, e muitos outros morreram na extrema pobreza, e o contrario d'isso é entre nós extraordinaria excepção.

Entretanto o Brazil tem estado longe de ser bem governado. Esses homens honestos fizeram sempre uma politica cuja immoralidade só é talvez ultrapassada pela dos Estados-Unidos; e isto por essa falha de character, essa falta de energia, de decisão, de iniciativa, de combatividade direi, que faz com que o homem que á honestidade reúne o character, não se contenta só em ser elle honesto mas obriga a sel-o tudo e todos que d'elle dependem.

A proverbial desorganisação e relaxamento da nossa administração publica, ao mesmo defeito e não á corrupção moral deve ser principalmente attribuida. Si a nossa desprotegida magistratura que os poderes publicos pela exiguidade dos vencimentos que lhe paga collocou entre a dependencia e a miseria, levanta geraes queixas no paiz, taes queixas rarissimo tomam a fórmula de accusação de peculato, e vêm immediatamente desculpadas com reparos caracteristicos a indicarem tibiezas de character, deixando-se influir por considerações alheias ao lucro sordido. E d'esta sorte vão, apesar da nossa vulgar honestidade, todos os nossos serviços.

Uma das causas da liberdade ter no Brazil

quasi degenerado em licença, sendo o governo quem mais d'ella abusava, foi esse defeito do character nacional que tornou possível com o desleixo e o desmazelo todas as condescendencias. A nossa indulgencia tão peculiar por certos factos criminosos e actos condemnaveis, de que os nossos tribunaes do Jury e outros tantos exemplos nos offerecem, não é, como acaso se poderia suppor, fructo de uma perversão da moral, sinão da debilidade e extrema bonhomia do nosso character. No Brazil as associações que por sua natureza ou regra deviam escrupulizar na admisión dos associados, não têm melhor pessoal que as abertas a todo o mundo, porque os associados aceitam infallivelmente todas as propostas ou por nimia e complacente bondade, ou por se não comprometterem, não crearem um desaffecto, ou outra desculpa em que se revê a fragilidade do animo.

Nacionaes e estrangeiros que tem-se occupado da demopsychologia brasileira estão todos de accordo em reconhecer como a dominante de nosso character a indifferença, o desanimo, a passividade, em summa.

«Não se pôde talvez dizer, escreve o illustre

autor da *Historia da Litteratura Brasileira*, que o brasileiro tomado individualmente, seja descuidoso de si proprio; considerado porém em geral, como typo sociologico, o povo brasileiro é apathico, sem iniciativa, desanimado. Parece-me ser este um dos primeiros factos a consignar em a nossa psychologia nacional. É assignalavel a propensão que temos para esperar, nas relações internas, a iniciativa do poder, e, no que é referente á vida intellectual, para imitar desordenadamente tudo quanto é estrangeiro, *scilicet*, francez. A nação brasileira não tem em rigor uma fórma propria, uma individualidade característica, nem politica, nem intellectual.»¹

Ha cinco annos dizia de nós um geographo allemão: «A peor feição do character brasileiro é a negação ao trabalho regular; pois isto é que concorre para a terra se desenvolver tão demoradamente, e para o nacional a todo esforço de adiantar que lhe perturba o *dolce far niente* responder com o estereotypado: Paciencia. Nem uma palavra se emprega talvez mais no Brazil

¹ Sylvio Romero, *Historia da Litteratura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1888, pag. 124-125.

do que essa.»¹ E tratando da religião no Brazil argúe claramente a nossa indiferença.

Herndon, official da marinha americana que por ordem do seu governo fez com Gibbon em 1850 uma exploração no valle do Amazonas, tratando do povo do Pará, depois de assentar a sua desambição, o seu amor de nada fazer e a sua satisfação em apenas gosar sem trabalho os fructos espontaneos da terra, indifferente a toda concurrencia e contente desde que tem chá ou café, cigarros e a rede, e notar que no Pará os crimes são muito raros observa, não sem graça: «Provavelmente o povo é demasiado indolente para ser máo.»²

Estudando com admiravel perspicacia e discernimento as cousas politicas do Brazil, em um artigo prophético, publicado na *Revista de Portugal*, o aprimorado escriptor brasileiro, Sr. Eduardo Prado, nota como o nosso povo tem-se conservado estranho aos nossos mais notaveis acontecimentos, e apropositadamente reflecte: «Esta

¹ A. W. Sellin, *Geographia geral do Brazil*, trad. por Capistrano de Abreu, Rio, 1889, pag. 104.

² Herndon and Gibbon, *Exploration of the Valley of the Amazon*, Washington, 1853, I, pag. 344.

inacção, esta não interferencia do povo verdadeiro, das grandes camadas da população brasileira nos acontecimentos publicos, é sempre observada. Um pintor brasileiro, Pedro Americo, no seu grande quadro *A Proclamação da Independencia do Brazil*, retraçou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. Vê-se n'essa pintura o Principe Regente, a cavallo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis homens da sua camara, de varios capitães-móres e de officiaes de ordenanças. Os couraceiros, os officiaes, os da côrte brandem as espadas ou agitam os chapéos, e no quadro ha a vida admiravel d'aquelle momento historico. A um canto, um homem de côr guiando um carro, arreda os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado de uma tarde que cae sobre a paizagem melancolica, um homem do campo, um *caipira* retém o passo á cavalgadura e voltando tranquillamente o rosto vê, de longe, a scena que não comprehende. Esses dous homens são o povo brasileiro, o povo real...»¹

¹ *Destinos Politicos do Brazil* in *Rev. de Port.*, vol. I, pag. 470.

De tres ordens de factos derivam estas características brazileiras: a ethnogenia, isto é, as origens ethnographicas e historicas; a geographia, ou a acção da terra sobre o homem; a educação, isto é, a influencia da sociedade sobre o cidadão.

Somos o producto de tres raças perfeitamente distinctas. Duas selvagens e portanto des-cuidosas e indifferentes como soem ser n'esse estadio da vida, e uma em rapido declinio depois de uma gloriosa, brilhante e fugaz illustração. Quando iniciou a colonisação do Brazil, começava a gente portugueza a experimentar os symptomas da perversão moral que fez logo resvalar os heroicos batalhadores da Peninsula e d'Africa, os ousados navegadores do mar tenebroso, os mestres de Colombo, nos cupidos trantantes da India. Martim Affonso de Souza, o grande explorador da costa brazileira, o fundador de S. Vicente e o mais bem aquinhoado dos donatarios das primitivas capitánias, foi ao depois nas conquistas da Ásia um dos mais infamados concussionarios.

Amollecido na rapina da India, como os hespanhoes na do Perú e do Mexico, imbecilizado

nos faceis prazeres das terras conquistadas; de um lado enfreado pelo temor da Inquisição e de outro enervado pela educação jesuítica, o povo portuguez decaía visivelmente na época da colonisação, para a qual, é de notar, ainda cooperou com os seus peiores elementos.

Da nossa vida politica no periodo da formação da nacionalidade, pertinentemente escreve patriótico escriptor: «O povo não tinha vida autonómica, nem tinha iniciativa; a justiça lhe era ministrada como um favor do monarcha. As sesmarias territoriaes eram concedidas aos portuguezes, que tambem monopolisavam o commercio. Na ordem puramente intellectual, a educação era jesuítica; desenvolvia-se a memoria com prejuizo do raciocinio. A escravidão no seio das familias veio consolidar este complicado systema de abatimento, de alheação da vida independente. Desde o principio, toda a população dividio-se em duas grandes classes: senhores e escravos. Aquelles eram portuguezes, ou seus descendentes; os outros — os negros e os indios! Os mestiços d'estas duas classes, quando livres, eram tratados com rigor, porque se tinha certeza de encontrar sua origem nas senzalas... As déca-

das foram passando; e o tempo foi robustecendo esta obra da injustiça e da extorsão. D'ahi safo o imperio do Brazil, paiz de senhores, de grandes, de magnatas; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra! E como Portugal foi sempre uma feitoria ingleza, nas relações exteriores nós o somos tambem, e nas internas governa-nos ainda o reino com todos os seus abusos, com todos os seus prejuizos. A nossa independencia, sendo um facto historico de alcance quasi nullo, não tendo aqui havido uma revolução que afo-gasse os velhos preconceitos, não abrio-nos uma phase de autonomia e liberalismo.»¹

Agassiz, nas suas sensatas e ainda agora aproveitaveis impressões geraes do Brazil, nota com razão que a administração das nossas provincias era, como entre os romanos, organisa-da principalmente no intuito de reforçar a auctori-dade.² Podera accrescentar que ella concorreu muito por esse facto não só para o lento desen-volvimento dos recursos materiaes do paiz, como

¹ Sylvio Romero, *Obra citada*, pag. 119.

² Agassiz (Mr. et M.^{me}), *Voyage au Brésil*, trad. F. Vogeli, Pa-
ris, 1869, pag. 495.

elle aliás reconhece, mas para lisongear a nossa natural imprevidencia e falta de iniciativa.

As condições geographicas do Brazil, assás concorreram para a accentuação e desenvolvimento d'essas características. Invejavelmente fértil, sinão prodigiosamente uberrima, a nossa terra é principalmente rica de productos naturaes, de facil cultivo e recolta, dispensando assim esforços e trabalho. Este pouco mesmo, ahí estava o escravo para fazel-o, livrando quasi totalmente a população civil da obrigação de trabalhar. As condições climatericas, por seu lado, annullando a necessidade de agasalhos e tornando mais supportaveis as exigencias physiologicas da vida pela menor actividade das combustões, auxiliou o pendor á indolencia que ellas mesmo, principalmente do Rio de Janeiro para o norte, creavam, debilitando forças e enervando esforços, que a escravidão estava prompta para dispensar de exercerem-se.

A educação desde o principio foi a da indolencia e de um fatuo menospreso do trabalho. A primitiva sociedade composta de máos elementos, quasi não podendo constituir familia sinão pelo concubinato, occupando-se exclusiva-

mente de interesses materiaes e de momento, certo, carecia de requisitos para se occupar da educação das gerações que iam nascendo. Essa sociedade achou-se logo com um elemento terrivelmente deleterio em seu scio, a escravidão.

Não é possível exagerar os males que nos trouxe a escravidão. Durante trezentos annos refastelamo-nos no trabalho, primeiro do indio depois do negro. Queiram os destinos do Brazil que não nos seja preciso tanto tempo para livrar-mo-nos de uma vez do funestissimo veneno da maldita instituição, que pela indefectivel lei da justiça na historia, que quer todo o erro traga em si o seu castigo, ainda hoje nos pésa e avexa! Não sómente abolindo como degradando o trabalho, a escravidão consumou em nós a morte de todas as energias, já enfraquecidas pelo clima e viciadas pela hereditariedade.

Extincta a escravidão india, o africano alegre, descuidoso, affectivo, metteu-se com a sua moralidade primitiva de selvagem, seus rancores de perseguido, suas idéas e crenças fetichistas, na familia, na sociedade, no lar. Invadio tudo e immiscuio-se em tudo. Embalou a rede da *sinhá*,

foi o pagem do *sinhô-moço*, o escudeiro do *sinhô*. Ama, amamentou todas as gerações brasileiras; mucama, a todas acalentou; homem, para todas trabalhou; mulher, a todas entregou-se.

Não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais corumins, victimas consagradas aos caprichos do *nhônho*. Eram-lhe o cavallo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados.

As meninas, as moças, as senhoras tinham para os mesmos misteres, as mucamas, em geral creoulas e mulatas.

Nunca se frizou bastante a depravada influencia d'este característico typo brasileiro, a *mulata*, no amollecimento do nosso caracter. «Esse fermento de aphrodisismo patrio,» como lhe chama o Sr. Sylvio Roméro, foi um dissolvente da nossa virilidade physica e moral. A poesia popular brasileira nol-a mostra, com insistente preocupação apaixonada, em toda a força dos seus attractivos e da sua influencia. O povo amoroso se não fatiga em celebrar-lhe, n'uma nota lubrica, os encantos, que elle esmieuça, n'uma sofreguidão de desejos ardentes. Canta-lhe a volupia, a magia, a luxuria, os feitiços, a faceirice, os

dengues, os quindins como elle diz na sua linguagem, piegas, desejosa e sensual. Decididamente ella atormenta a sua inspiração, e os poetas, Gregorio de Mattos á frente, fazem d'ella com mais franqueza e mais sensualidade no desejo, a Marcia ou a Nize de seus cantos.

Na familia é a confidente da *sinhá-moça* e a amante do *nhônhô*. Graças principalmente a ella, aos quatorze annos o amor physico não tem segredos para o brasileiro, iniciado desde idade mais tenra na athmosphera excitante que lhe fazem em torno, dando-lhe o banho, vestindo-o, deitando-o.

Molle pelo clima, molle pela raça, molle por esta precocidade das funcções genesicas, molle pela falta de todo trabalho, de qualquer actividade, o sangue pobre, o character nullo ou irritado e por isso mesmo inconsequente, os sentimentos deflorados e pervertidos, amimado, indisciplinado, mal criado em todo o rigor da palavra — eis como de regra começa o jôvem brasileiro a vida.

Que livro soberbo ha a fazer sobre a educação d'esse rapaz desde o berço até ministro de estado, por exemplo! Qual será o fino psycho-

logo e elegante estylista, mas de um espirito bem brasileiro que, sem as exagerações e idéas preconcebidas de certa escola, nos dê esse quadro verdadeiramente nosso, que, como tantos outros, falta, devido á nossa fatal tendencia de imitação estrangeira, á litteratura nacional! Quem nos mostrára a acção constante e poderosa e inventivel na nossa vida social do *empenho* a inutilisar todos os esforços, a nullificar todas as actividades. a entibiar todas as boas vontades, descoroadas pela certeza de uma concurrencia insuperavel! E nos pintára a falta de energia para o trabalho, o amor da vida facil, a imbecillidade physica e moral forrando-se á lucta pelo rebaixamento de todas as justas altivezas, mendigando protecções, aceitando tutellas, assoalhando baixezas! Fazendo os preparatorios por empenhos, fazendo os annos academicos por empenhos, formando-se por empenhos e por empenhos de toda a casta e de toda a gente, traidos os principios proclamados, desertado o dever, despresados os escrupulos, mettendo-se aqui, apparecendo acolá, até surgir-nos nas cumieiras sociaes ou, vencido por outro de melhores empenhos desaparecer, sumir-se n'um cargo miseravel ou pingue, con-

forme sorriso-lhe ou não a deusa que favorece os audazes! Mas, continuemos...

Educação publica, que realmente este nome mereça, já o disse, não ha no paiz. Ha instrucção publica que é cousa differente. As tendencias herdadas e adquiridas dos diversos elementos que vou analysando, não encontram estorvo e impecilho em qualquer especie de cultura que procurasse systematicamente reagir contra ellas.

A vida publica de preferencia as estimula e lisongêa. A politica é hoje por toda a parte mais ou menos a mesma cousa, «a mãe das frases ôças, da declamação, das idéas lobregas, do máo estylo e das paixões injustas»,¹ um fim e não um meio. No Brazil, porém, sendo tudo isso, não tem ao menos a vantagem de ser uma excitadora da opinião, um estimulante ás energias sciaes.

Os *meetings*, os comicios, os discursos, as orações que fóra d'aqui congregam os cidadãos de todas as opiniões em torno de um orador, nos parecem a nós aquem de um homem de alto valor politico e são meios apenas a medo e raro

¹ Jules Lemaitre, in *Rev. Polit. et Lit.*, 1885, pag. 610.

tentados por estreantes. Aqui a politica faz-se em curriculos, em conventillos, em parcerias. O povo, a grande massa dos cidadãos, limita-se a votar, sem discutir nem ouvir discutir.

A esta viciosa educação politica acresce a escacez do eleitorado que até dous annos era apenas de pouco mais de 200 mil eleitores, em uma população de cerca de 15 milhões de habitantes.

O que esperar de nós, pois, sinão a indifferença — por aquillo a que somos quasi todos forçados a ser indifferentes?

Dous aspectos principaes notava eu por occasião da proclamação da Republica ¹— e tristemente caracteristicos, resaltam da attitude do nosso povo em face do movimento d'onde saõ a Republica: a sua profunda indifferença, tão dolorosa aos espiritos preocupados do futuro da patria, e a falta absoluta de fé nos principios e de fixidez nas crenças, ainda na vespera apre-goadas e mantidas.

«Si d'essa carencia de virilidade moral, que

¹ Esse trabalho ficou inedito. Dá-se esta parte por ser uma impressão de momento.

aquelles factos traduzem, foi a monarchia a fautora ou a causa, recebeu ella o justo castigo do seu erro, pois que, aqui no Pará ao menos, caído no meio da mais glacial, da mais profunda, da mais completa indifferença,

«A sinceridade, porém, obriga a reconhecer que á proclamação do novo governo, exceptuando os seus autores, os membros do Club Republicano, os militares e alguns adventicios promptos a festejarem todos os successos, acompanhou a mesma indifferença.»

A falta de educação publica e de educação politica que acaso poderiam ter modificado a indole dos antepassados herdada e, por condições geographicas, sociologicas e mesologicas desenvolvidas, ha que juntar a ausencia de estímulos exteriores, como fossem por um lado as guerras ou a concurrencia estrangeira ás indústrias e commercio nacionaes, de outro as manifestações collectivas com que os povos que tem

² Por toda a parte, dizem noticias insuspeitas, foi o mesmo. E conhecida a carta do Sr. Aristides Lobo, primeiro ministro do interior da Republica, dizendo a mesma coisa do povo do Rio de Janeiro, que, conforme a sua frase, assistio *testificado* aos acontecimentos.

o culto das tradições, da patria ou de certos habitos e costumes se aggreem e reúnem em festas, em jogos, em solemnisações de grandes dias e grandes feitos.

«Causou-nos sempre — já notava eu, perdoem-me lembrial-o, ha dez annos ¹ — e causou-nos ainda profunda impressão, o character frio, sem enthusiasmo, sem vida, das nossas festas tão em contradicção com a nossa esplendida natureza... Os grandes dias nacionaes, passam-nos despercebidos, quasi esquecidos. Que sentimento desperta a data da nossa independencia, essa data tão festejada por todos os povos? Nenhum, o povo vê-a passar todos os annos, com um indifferentismo glacial. Será por convicções politicas? Os outros dias nacionaes, 25 de Março, o juramento da Constituição; 7 de Abril, uma bella pagina da nossa historia, a expulsão de Pedro I, nem são lembrados sinão por algum jornalista obrigado pela sua profissão a uma noticiinha, ou pelo mundo official. Acaso este povo nega o seu apoio moral á lei fundamental do imperio,

¹ *Liberal do Pará*, 12 de Janeiro de 1879.

ou pensa que o que fizeram os homens de 1830 foi um erro politico? Duvidamos.

«Mas então porque os grandes dias da patria que despertam lá fóra o enthusiasmo mais ruidoso nas grandes festas populares com que se solemnizam esses dias, aqui conseguem apenas accender algumas pallidas e tremulas luminarias em cuja luz vacillante parece retratar-se a tibieza das crenças d'aquelles que as accendem?»

As unicas festas que reúnem periodicamente o nosso povo, e onde elle se encontra unido pela solidariedade da mesma crença e das mesmas tradições, são as religiosas, ou antes, de igreja, essas deprimentes pela extrema licenciosidade que n'ellas reina, e de nenhum modo capazes de accordar no povo um écco siquer do sentimento nacional. Assim as do *Bomfim* na Bahia, da *Penha* no Rio, do *Rozario* no Maranhão, de *Nazareth* aqui. ¹

Taes são, mal ditas, mas sinceramente e de boa fé expostas, a nossa situação moral e as prin-

¹ Veja-se o interessante livro do Sr. Mello Moraes Filho, *Festas populares do Brazil*. Rio de Janeiro, 1888. Pena é que esquecesse a nossa de *Nazareth*, talvez a mais característica do Brazil.

cipaes e, para o objecto d'este livro essenciaes, feições do character nacional. Não ha ahi esmiuçar novidades, e muito menos escandalo. O imperfeito esboço foi arranjado com côres, tintas e linhas conhecidas, vulgarissimas e triviaes. Offerecem-se á apreciação de cada um, que o não queira fazer do natural, nos trabalhos dos viajantes desde Saint-Hilaire e Martius até Agassiz ou Burton e em todos os escriptores brazileiros, que não vivendo exclusivamente dos defeitos da nação não tiveram jamais a peito lisongeal-os ou escondel-os. Nem hostilidade contra nós, nem falta de patriotismo, reçumam das apreciações de uns e de outros. «Consiste por ventura o patriotismo, perguntarei como um valente e terso escriptor brazileiro, em negar impudentemente uma verdade conhecida por tal, ou antes confessar nobremente o mal, e da grandeza d'elle tirar motivo e occasião para reclamar a emenda e reformar a grandes brados? »¹ Não ha negar os fructos colhidos d'essa propicia franqueza de uns e de outros. Alguma cousa, infelizmente pouca

¹ João Francisco Lisboa, *Obras*, Maranhão, 1864, tom. I, pag. 428.

ainda, havemos feito por melhorar. Não é deslembrando o diagnostico, que se podem aproveitar os recursos da medicina. Dizer-nos a nós mesmos os nossos defeitos e vícios, é já um passo para corrigil-os. O exame de consciencia, independente da confissão, é para os individuos e para os povos, um salutar recurso moral. Feito esse, cumpre, para não ser inutil e vão, procurar na pratica das virtudes contrarias aos peccados reconhecidos, a regeneração, não pelas palavras, sinão pelos actos.





III

A EDUCAÇÃO DO CARACTER

A educação não é de certo, como inculcaram apóstolos demasiado convictos uma panacéa, mas é sem contestação poderosissimo modificador. Tristemente, mas triumphantemente, as estatisticas demonstraram a falsidade da asserção que começava a adquirir fóros de axioma, que abrir escolas era fechar prisões. Mas, discutindo o valor dos methodos e systemas, nenhum pensador ha que sem paradoxo discuta e deprecie a proficuidade da ins-
trução e a acção modificadora da educação.

Como a intelligencia, como a sensibilidade, como o proprio corpo, o character póde educar-se

e de facto educa-se, isto é, toma na mesma vida commum esta ou aquella direcção, estas ou aquellas tendencias, segundo as diversas influencias que sobre elle actuam.

Dada a passividade do character brasileiro feito de indolencia, de indecisão, de indifferença, de inactividade, é dever não do governo — que é preciso refuguemos de nós esta preocupação do governo, não da administração — que não é sinão nossa delegada, mas de todo brasileiro, pela sua acção domestica e pela sua acção civil, promover com a tenacidade de uma convicção profunda a educação do character nacional.

Sendo o character o conjuncto das qualidades moraes, a educação do character não é sinão o desenvolvimento do que na pedagogia pratica chamamos cultura moral, ou si quizerem, não é sinão a generalisação d'essa fórma da educação escolar.

A educação do character, entretanto, é principalmente fóra da escola de que se faz. Concorrem para ella não só a educação moral ali recebida em fórma de preceitos, de regras, de exemplos, de conselhos, de commentarios moraes de factos da vida escolar ou da mesma historia,

como a educação physica, que enrija o corpo e solidifica a saude, garantindo o moral de enervamentos, debilidades e nervosismos; a educação domestica, por ventura o mais poderoso agente de cultura moral e, finalmente, o meio, isto é, o complexo de forças physicas e moraes que sobre nós agem: a sociedade, a leitura, as festas, a religião, a arte, a litteratura, a sciencia, o trabalho.

Si é verdadeira a doutrina materialista que aos trinta annos, soldando-se as suturas craneanas o cerebro, adquirindo sua fórma definitiva, torna impossivel as variações do character, a educação d'este póde-se fazer até aquella idade e em outro meio que não o meio escolar.

Essa educação, claro está, deve começar, si não desde o berço, conforme queriam alguns, ao menos desde os tres annos, na familia. Nenhum meio mais proprio e mais conveniente do que esse para encetar a educação do character da criança, e lançar na sua alma os germens que hão de desenvolver-se mais tarde no adolescente e no homem.

A constituição da familia brasileira, profundamente viciada pela escravidão, resente-se ainda de graves senões, entre os quaes o mais saliente

é a ausencia da acção feminina. Os antigos hábitos portuguezes de proscreever a mulher não só da sala mas de todas as relações sociaes e domesticas, adoptamol-os peiorando-os. Banida da sala, como com tanta insistencia notou o observador Saint-Hilaire,¹ a brasileira, afastada de quaesquer convivencias educadoras de sociedade e não podendo por outro lado viver sem relações, procurou-as na funesta intimidade dos famulos. É incalculavel a influencia que as mucamas tiveram na familia brasileira, como foi profundissima a sua acção deleteria. E este isolamento da brasileira não era apenas, por assim dizer, material, sinão moral, pois criada n'um bruto respeito do marido, não tinham suas relações character algum de intimo e igual convivio.

Não ha ainda muitos annos em toda a extensão do Brazil interior ella não vinha á mesa, e não sei si hoje se não encontrariam lugares onde perdure esse costume. Facto caracteristico, a esposa brasileira tratava em geral o marido por

¹ Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, 1830, I, pag. 152, 210 e *passim*.

senhor, e tutearem-se dous casados seria, até bem pouco tempo, rarissimo.

Junte-se a estes habitos herdados de Portugal e aqui, repito, peiorados pela sociedade que a mulher encontrava fóra das salas em que a não deixavam entrar, a influencia directa e indirecta de duas raças selvagens nas quaes, segundo a lei geral ethnologica, a mulher tem sempre um papel menos que secundario ¹ e ter-se-á claramente explicada a posição da mulher brasileira.

Ora, na familia, a acção da mulher é maior que a do homem, não só por essa athmosphera de amenidade e delicadeza que esta cria ao redor de si, como pela sua muito maior permanencia no lar e portanto mais constante e duradoura influencia. Este facto só da posição da mulher na familia brasileira, já deixa ver quão deficiente sinão dissolvente foi entre nós a educação domestica como educação do caracter.

A mãe brasileira, como acha-se notado em todos os nossos romancistas, é fraca. O seu amor maternal, sem energia como todos os seus senti-

¹ Ch. Letourneau, *La Sociologie d'après l'ethnographie*. Paris, 1880, cap. X.

mentos, é indiscreto e revela-se sobretudo pelo mimo, por um excessivo carinho e uma hystérica apprehensão que apenas consente ao filho arredar-se de suas saias ou do cóllo de uma ama. No Brazil não é raro vêr uma criança de tres e quatro annos ainda ao cóllo. Falar a uma mãe brasileira em fazer seu filho acordar cedo, metter-se n'um banho frio, correr, andar, saltar, não comer goloseimas a toda a hora, é arranjar-se uma desaffeição.

A educação moral reduz-se a desenvolver e fortificar o altruismo e modificar e diminuir o egoismo.

A educação do character, pois, que é a mais elevada forma da educação moral, deve começar pela educação das primeiras manifestações do altruismo na criança. Cumpre desenvolver e educar n'ellas a affeição, a necessidade de caricias, a compaixão pelo soffrimento, a liberalidade, a sympathy, em summa, aquillo que um auctor chama as emoções sociaes. ¹

Até agora o facto já notado de haver em

¹ B. Perez, *L'Éducation dès le Berceau*, Paris, 1880.

cada familia um moleque ou moleques que eram os companheiros de brinquedo dos *sinhósinhos* e as victimas de suas maldades, especies de *leva-pancadas*, sobre os quaes elles derivavam as suas coleras infantis, viciava sobremaneira logo esses instinctos, pela concurrencia da má educação e dos máos habitos que teria o moleque, como pelos instinctos máos, depravados mesmo, que criava na criança o prazer innato n'ella de bater alguem ou alguma cousa. A sensibilidade, se lhe embotava logo, não sómente a sensibilidade objectiva, isto é, a que faz sentir pelos outros, mas a sensibilidade subjectiva, a que nos faz sentir-nos nós mesmos. O moleque desvergonhado que apanhava, ria, chorava e entre lagrimas ás vezes era obrigado a continuar o brinquedo, certo não dava á criança uma idéa elevada do brio e da dignidade, e como na criança a imitação tem uma grande influencia sobre o desenvolvimento das suas faculdades moraes, do seu caracter, ¹ os resultados d'essa convivencia funesta era assemelhal-o ao moleque.

¹ Alexandre Martin, *L'Éducation du caractère*, Paris, 1887, pag. 88.

O habito de mandar, desde a tenra infancia, por sua vez, bem longe de fortificar o character o deprime, não só porque perverte a noção da auctoridade que faz arbitraria e apenas no privilegio fundada, como porque deshabitua a actividade propria e fia tudo da energia alheia.

O mais arduo problema e o mais delicado na educação do character é, acaso, o da educação da vontade. Entre nós, nenhum mais momentoso — porque, como ficou dito e indicado, a indecisão, a falta de iniciativa, a inconsequencia na acção, são das mais frisantes características brasileiras.

A difficuldade grande da educação da vontade está em achar o justo limite entre a vontade energia necessaria e util, e a vontade energia desordenada e prejudicial. Ha paes e educadores que entendem que bem educar é em tudo contrariar a criança, quebrando-lhe a vontade e fazendo-a teimosa; outros pensam que devem, para avigoral-a, consentir em tudo e satisfazel-a sempre. Erradissimas são ambas as maneiras de conceber a educação da vontade.

Entre nós, é preciso lisamente reconhecer, a educação domestica é defeituosissima. É exces-

sivamente frouxa, apesar do abuso dos castigos corporaes, frouxidão que é ainda resultado do nosso caracter indifferente e lasso. Educar bem uma criança é difficilima tarefa. É um trabalho de todos os dias, de todos os instantes; trabalho de observação, de experiencia, de penetração, de paciencia. Nenhum porventura exige mais continuidade e sequencia, e como em geral somos incapazes d'essas qualidades, cedo cançamos ás primeiras e certas difficuldades, e repetimos a fraze habitual: *Deixa estar, a escola* (ou o collegio) *te ensinará* . . .

Na educação da vontade a solução do problema está não em contrariar-a mas dirigil-a, e em desafial-a a exercer-se sobre cousas uteis e boas. «Si quizermos, diz um psychologo de crianças, comprehender a significação dos actos de uma criancinha, e dirigir sua vontade em um sentido util e progressivo, devemos-nos bem compenetrar que todas as suas tendencias, sejam quaes forem, saem do egoismo e n'elle se transformam.»¹ Assim a questão é determinar as ten-

¹ Bernard Perez, *La Psychologie de l'enfant*, Paris, 1882, pag. 342.

dencias egoisticas de cada acto de vontade na criança, e atacar a tendencia e não o acto. O modo de ataca-la é questão de geito e delicadeza, de modo a conseguir-se que a vontade, em vez de ser violentada, se exerça ainda reagindo contra si mesma. A criança que primeiro quiz e depois, cedendo a uma doce violencia, diz não quero mais, exerceu incontestavelmente a sua vontade, com outra vantagem, a de realizar a suprema victoria humana, qual a de vencer-se a si mesmo.

Quando a criança, porém, for apathica, indolente, cumpre desenvolver-lhe a vontade, a qual não é sinão uma maneira de ser da energia, incitando-a e procurando desafiar n'ella o sentimento do brio, da dignidade e da honra. Ella não quer brincar, incitae-a a brincar, mostrae-lhe as outras que brincam, brincae com ella, fazei-lhe sentir o attractivo dos brinquedos, arrastae-a brandamente e persuasivamente a brincar.

Ha crianças — e entre nós por virtude da hereditariedade são communs — cuja vontade activa e imperiosa ao principio, á primeira difficuldade desfallece. É preciso não consentir n'esse desfallecimento. Cumpre animal-as, encorajal-a

ajudal-as mesmo um pouquinho, deixando-lhes comtudo o trabalho maior e, vencidas as difficuldades, festejar com ellas o triumpho. Na educação do caracter, a disciplina domestica é o agente principal. Essa disciplina carece de ser a um tempo severa, benevolente e constante, e não ter outro movel sinão o interesse da criança, porque, conforme judiciosamente pensa um pedagogista já citado, «a disciplina deve ser feita para corrigir as crianças de seus máos instinctos e melhorar-lhes o caracter, não para proporcionar aos paes e aos mestres uma tranquillidade que o arduo trabalho da educação não admitte, nem para diminuir o mais possivel a sua responsabilidade.»¹ Essa é a primeira regra da educação.

No Brazil, saído do duro e como quer que seja inintelligente systema de educação portugueza, caímos, por influencia de idéas francezas, no extremo opposto. A licença que começava a caracterisar a liberdade no Brazil, é apenas o prolongamento no estado do systema familiar. Na familia tambem confundio-se licença com liber-

¹ Alex. Martin, *Obra cit.*, pag. 262.

dade. Ora a melhor instructora da liberdade não é a licença, é a disciplina, imposta como um dever moral cujo exacto cumprimento eleva e não rebaixa quem a elle se sujeita.

Sob o pretexto de *educação moderna* tudo foi permitido, e a facilidade de tudo fazer em vez de, por exemplo, educar a vontade, enfraqueceu-a porque na vida pratica essa vontade amimada quebrantava-se ás primeiras contrariedades.

É indispensavel não confundir a vontade com a voluntariosidade, si me permitem a expressão. A vontade é uma das forças vivas do character, é a somma de todas as energias moraes dirigidas no intuito da obtenção de um resultado que a educação moral deve esforçar-se para que seja sempre util e honesto. A voluntariosidade é o máo lado d'essa virtude, é o capricho ridiculo que faz a criança exigir a lua ou não querer beber sinão no copo do taberneiro defronte, segundo a conhecida anecdotia brazileira. Póde-se affirmar que todo o voluntarioso é um homem sem vontade, porque só a exerceu caprichosamente, inconstantemente, variando de objecto a cada obstaculo, isto é sempre, porquanto a exer-

cerá principalmente sobre factos nem constantemente possíveis. Ora este perennal quebrantamento da vontade, não é, certo, o melhor meio de fortificá-la.

O melhor argumento, porém, contra o systema em geral entre nós adoptado (ou, diria eu melhor, da falta de systema) de consentir em tudo afrouxando até o relaxamento a disciplina, é que os povos mais viris, mais fortes e mais energicos são aquelles cuja educação domestica e publica não afrouxou a disciplina e manteve em todo o seu prestigio a autoridade do mestre e da familia — os inglezes, os allemães e os americanos.

Obedecendo é que se aprende a mandar, e esta verdade não escapou á profunda experiencia popular que a reduzio ao annexim: *quem não sabe fazer, não sabe mandar*. «Os que mais souberam obedecer emquanto na infancia, diz Alex. Martin, não são os que mostram menos energia na vida social, com a condição porém de lhes não haverem enervado a vontade vedando-lhes, por uma intervenção pertinaz, os meios, digamos assim, de a educarem.»¹ Si o habito de

¹ *Obra cit.*, pag. 266.

mandar desenvolvesse a energia, o brasileiro seria um dos homens mais energicos, porque desde a primeira infancia elle não fez outra cousa. Em algumas terras do Brazil até o cachimbo ou o cigarro era acceso por um escravo! ¹

No ponto de vista social, que mais nos occupa n'este trabalho, é urgente no Brazil modificar esta parte do nosso anarchico e defeituoso systema de educação, estabelecendo a disciplina domestica e a escolar, desde o ensino primario ao superior, como o indispensavel tirocinio para a disciplina social, base da segurança do estado e laço da solidariedade nacional. Encarando-a a esta luz, diz Kant, citado por Alex. Martin: «Póde a obediencia derivar do constrangimento e é então absoluta; ou da confiança, e então é voluntaria. É importantissima esta ultima, mas a pri-

¹ É característica a anedota brasileira:

— «Moleque! . . .

— «Sinhó! . . .

— «Dize a este gato que sape . . .»

Na Amazonia existe esta variante:

— «João, tu queres mingáo?

— «Quero.

— «Vae buscar a tua cuia.

— «Não quero . . .»

meira é extremamente necessaria; porque ella prepara a criança para o cumprimento das leis que mais tarde terá de obedecer como cidadão, mesmo quando ellas lhe não agradassem.»¹

Além da educação da vontade, e do desenvolvimento do espirito de disciplina, de sympathia, de solidariedade, tem ainda a familia, em estreita communhão com a escola e com a sociedade em geral, de atacar a mentira, a dissimulação, o medo, não só directamente, como desenvolvendo e estimulando a coragem, a verdade e a franqueza. Que pessimo não é o habito tão nosso de metter medo ás crianças com o *titú*, com *pretos velhos*, com *almas do outro mundo*, tornando-as supersticiosas e covardes!

É o desprezo do trabalho, degradado entre nós pela deleteria influencia da escravidão, um dos defeitos mais patentes do character brasileiro. A educação da actividade, no sentido de elevar o amor do trabalho, fazendo-o comprehender como o mais bello titulo de nobreza do homem moderno, impõe-se, pois, especialmente á atten-

¹ *Obra cit.*, pag. 268.

ção e cuidados da família e dos preceptores. A extinção da escravidão não é de si mesma bastante para apagar os funestissimos effeitos da execranda instituição, que só muito de passo ir-se-ão dissipando. É, pois, indispensavel — e isto sentiram os mais bem allumiados abolicionistas — que a obra gloriosa cujo coroamento foi a Lei de 13 de Maio de 88, se continue pela educação, não só dos libertandos, sinão de nós todos, todos mais ou menos contaminados pela sua peçonha.

Certo a extinção do elemento servil — segundo o euphemismo com que fugiamos de dizer a escravidão — trará forçosamente a diminuição dos serviços gratuitos, e não se verá d'aqui para pouco casas, aliás pobres, em que tantos eram os servidores como as pessoas servidas. Isso nos obrigará a servirmo-nos nós mesmos, e até a servir aos outros, consoante as exigencias da necessidade — mas não será bastante para destruir os effeitos, fatalmente duradouros, do mal. É a educação, largamente comprehendida, dada na família, dada na escola, dada na sociedade, que pôde acudir a mais promptamente remedial-o.

Em resumo, a educação do caracter como

indispensavel elemento da nossa educação nacional, qual a reclamam os mais altos interesses da patria brasileira, deve ter por fim combater em nós tudo o que deprime o nosso character, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrarias.

Essa é a missão da Familia, da Escola, da Sociedade, das Religiões, da Politica, da Litteratura, da Sciencia e da Arte— si bem querem merecer da Patria e da Humanidade.

